

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
“Júlio de Mesquita Filho”  
Instituto de Artes - Campus São Paulo

João Lucas Andrade Dias de Souza

**O PRIMEIRO SHOW:**

construindo um show com alunos de uma escola de música de bairro

São Paulo  
2024

João Lucas Andrade Dias de Souza

## **O PRIMEIRO SHOW:**

construindo um show com alunos de uma escola de música de bairro

Trabalho de conclusão de curso (TCC) como requisito obrigatório para conclusão do curso de licenciatura em música da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, sob orientação do Prof. Dr. Marcos José Cruz Mesquita.

São Paulo  
2024

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da UNESP. Dados fornecidos pelo autor.

---

S729p Souza, João Lucas Andrade Dias de, 1999-

O primeiro show : construindo um show com alunos de uma escola de música de bairro / João Lucas Andrade Dias de Souza. -- São Paulo, 2024. 20 f. : il. color.

Orientador: Prof. Dr. Marcos José Cruz Mesquita.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Música) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes.

1. Música na educação. 2. Rotina no trabalho. 3. Ambiente de sala de aula. 4. Professores. I. Mesquita, Marcos José Cruz. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título.

CDD 780.7

---

Bibliotecária responsável: Catharina Silva Gois - CRB/8 11323

João Lucas Andrade Dias de Souza

**O PRIMEIRO SHOW:  
construindo um show com alunos de uma escola de música de  
bairro**

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado como requisito obrigatório para conclusão do curso de licenciatura em música da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, sob orientação do Prof. Dr. Marcos José Cruz Mesquita.

Dissertação aprovada em: 25/10/2024

**Banca Examinadora**

---

Prof. Dr. Marcos José Cruz Mesquita  
Instituto de Artes da Unesp - Orientador

---

Me. Kauê Marques Paiva  
Instituto de Artes da Unesp - Membro da Banca

## **RESUMO**

Esse trabalho procura mostrar como é a rotina de um professor de música que leciona em uma escola de bairro e de caráter informal, e como ele prepara tecnicamente e psicologicamente os alunos, e os arranjos das músicas que eles vão tocar nas apresentações que esses alunos vão realizar no show da escola que acontece ao final de cada semestre. Além disso, mostra um pouco da experiência que esse professor teve com diferentes tipos de alunos, com diferentes gostos musicais, idades e objetivos dentro da música.

**Palavras-chave:** Arranjo; show; apresentação; preparação; escola de música; professor de música.

## **Abstract**

This research aims to show the routine of a music teacher who teaches at a local, informal school, highlighting how he technically and psychologically prepares his students, as well as arranges the music pieces that they will perform in the school's end-of-semester concert. Additionally, it provides insight into the teacher's experiences working with various types of students with different musical tastes, ages, and goals within music.

**Keywords:** arrangement; concert; performing; preparation; music school; music teacher.

## **Sumário**

<b>1 Introdução.....</b>	<b>8</b>
<b>2 A rotina do professor de música.....</b>	<b>9</b>
<b>3 Preparação para os shows.....</b>	<b>14</b>
<b>4 O dia do show.....</b>	<b>20</b>
<b>Referências.....</b>	<b>24</b>

## **1 Introdução**

Por meio deste trabalho de conclusão de curso de Licenciatura do Instituto de Artes da Universidade Paulista Júlio Mesquita (Unesp), venho apresentar um pouco da minha rotina e do meu trabalho como professor já atuante na área de ensino musical na escola onde dou aula. De início, vou mostrar como é a rotina e um pouco da minha experiência com os diversos alunos que tive a oportunidade de ensinar. Alunos de diferentes faixas etárias, gostos musicais, objetivos e anseios em relação à música. Na segunda parte, pretendo discorrer sobre como é o processo de motivar, treinar e preparar esses alunos para o show da escola que ocorre todo final de semestre. Também vou explicar um pouco sobre a forma que decidimos o repertório e como faço, penso e desenvolvo os arranjos das músicas que serão apresentadas no show. Por fim, pretendo fazer uma breve avaliação de todo o processo, inclusive em relação a mim, e quais são os pontos positivos e pontos que posso melhorar como professor e organizador dessas apresentações.



## 2 A rotina do professor de música

Meu nome é João Lucas Andrade Dias de Souza, sou músico, professor e estudante de música no curso de Licenciatura no Instituto de Artes da Unesp, localizado em São Paulo, capital. Atualmente, atuo em duas frentes na educação musical. Dou aulas particulares em domicílio e em minha própria residência, e também dou aulas em uma escola de música localizada no bairro Vila Mariana, zona sul de São Paulo, onde moro. Acho pertinente informar que, apesar da minha educação de instrumento ser como violonista, também dou aulas de piano, teclado, guitarra e também de ukulele, mas esses outros instrumentos eu só ensino pessoas que estão começando do zero, pois me falta conhecimento e prática para poder ensinar alunos de níveis maiores. Nessa escola em que trabalho, foi onde consegui desenvolver e aperfeiçoar a forma que ensino. Lá, como em algumas outras escolas que conheço, o professor não tem carteira assinada e, para poder dar aulas, é preciso ter uma recomendação de um professor que já leciona na escola. Dada a recomendação e havendo demanda por parte da escola, é agendada uma reunião do professor com a gerência ou com os coordenadores pedagógicos para acertar o estilo de aula e outras formalidades, como valores, eventos, reposições de aula etc. Após isso, caso seja aprovado, o professor fica aguardando o que chamamos de aula teste, que consiste em uma aula com duração de 30 minutos, é gratuita e funciona da seguinte forma: a pessoa interessada em aprender música entra em contato com a escola e agenda essa aula. De acordo com as preferências do aluno, a secretaria filtra os professores para combinar os interesses e áreas de atuação, como estilo musical e personalidade de cada um e, caso o aluno goste da aula, do estilo do professor e assine o contrato com a escola, o professor fica com o aluno fixo para ele nos horários e dias combinados. Um ponto que considero muito positivo em trabalhar nessa escola é que eles dão aos professores muita liberdade para ensinar. Não existe uma apostila ou livro didático que somos obrigados a usar, nem metas igualmente estabelecidas para todos os alunos. O que nos é cobrado como professores é uma apresentação do aluno ao final de cada semestre que normalmente é realizada em um restaurante, bar ou casa de show. Essas apresentações podem ser individuais, em dueto, trio e até bandas com outros alunos e/ou professores. É muito comum que os professores toquem/cantem em várias apresentações de vários alunos.

Durante o ano são oferecidos aos professores alguns treinamentos específicos. Esses treinamentos normalmente são ministrados pelos donos da escola, que também são músicos e professores de longa data. Alguns exemplos desses treinamentos são: **Musicalização infantil**,

onde nos são passadas diversas dicas, roteiros de aula e até materiais como sugestão para usar nas aulas com alunos crianças para tornar essas aulas mais interessantes e construtivas para elas; **Treinamento Soft Skills**, onde aprendemos um pouco sobre o comportamento de pessoas em geral. Como observar, analisar os alunos e como e utilizar nas nossas aulas estímulos para podermos melhorar a vida desse aluno em outras questões que não sejam puramente musicais, como por exemplo, ajudar um aluno muito impaciente, tímido, nervoso, agitado, entre outros; **Treinamento Aula Teste**, onde aprendemos a dar uma aula que vai agradar o aluno para ter uma maior chance de fazer com que ele queira estudar conosco, entre outros treinamentos.

Por se tratar de uma escola especialista em estudantes iniciantes, tive a oportunidade de ser o primeiro contato com a música de vários alunos que passaram ou ainda estão lá, podendo então ensiná-los sem que eles tivessem os famosos vícios de aprendizado, como, por exemplo: tocar o acorde de Ré maior invertendo os dedos indicador e médio, fazendo com que o indicador toque a nota fá sustenido na primeira corda, e o médio toque a nota lá na terceira corda, que é o contrário do usual; não prestar atenção nas cordas que são abafadas pelos dedos quando se pressiona uma corda; tocar sempre a mesma batida, sem procurar variar e entender melhor o ritmo da mão direita; tentar tocar músicas que tem um nível de dificuldade muito acima do que o aluno está preparado etc. Além disso, pude ensinar pessoas de todas as idades. Tenho alunos crianças, adolescentes, adultos e até idosos. Como já havia estudado durante o curso de licenciatura nas aulas de Práticas de Ensino, consegui confirmar que cada um desses grupos têm suas particularidades e, se é que posso usar esse termo, padrões de comportamento. Claro que cada pessoa é única e não é possível generalizar, mas consegui observar esses padrões de alguma forma. **Crianças** tendem a ser mais dispersas, perder o foco rapidamente e é muito comum termos que usar brincadeiras ou outras estratégias mais lúdicas para conseguir e prender a atenção delas. Algumas estão fazendo aula porque os pais querem, de forma obrigatória, e por isso não demonstram muito interesse nas atividades e músicas que proponho, mas descobri que é possível fazê-las terem mais interesse ganhando a confiança e amizade delas para só então prosseguir com a aula de música em si. Uma coisa que aprendi nas aulas da faculdade e pela minha experiência própria em sala de aula de música que tive quando era criança é que é muito difícil prender a atenção de uma criança por muito tempo, principalmente se ela já não estava inicialmente muito interessada. Por isso, as brincadeiras e conversas são sempre úteis nesse sentido. Outro ponto é que muitos professores de música fazem uma abordagem muito maçante e teórica com as crianças, o que, pela minha experiência, não é uma forma muito inteligente de se conseguir a atenção delas. A

forma que eu aprendi na faculdade e que eu consegui observar durante as minhas aulas é trabalhar de forma progressiva. Quando uma criança chega para ter aula de música é muito provável que ela nunca tenha tido aulas antes e esteja com algum medo ou descrença de que pode realmente fazer música, inclusive, isso é um muito comum em todas as idades, então é preciso trabalhar com calma e inteligência. Inicialmente, sempre tento definir objetivos a curto prazo e que sejam de fácil execução para que o aluno consiga ver desde o começo que ele é capaz de tocar um instrumento e fazer música. Fazer intervalos lúdicos entre as execuções das músicas e dos exercícios também ajuda para que ele possa respirar um pouco, e esse é o momento perfeito para conhecer mais o aluno e seus gostos pessoais, o que também será útil para pensar em um futuro repertório. É preciso, porém, ficar atento para que o aluno não fique muito “confortável” com o lugar onde ele está. Crianças são naturalmente curiosas e, com o estímulo certo, elas vão aceitar novos desafios mais difíceis do que o que elas estão acostumadas, mas com equilíbrio, sem exagerar. Elas são uma das faixas etárias que mais gosto de trabalhar. São muito divertidas, sempre têm energia e costumam aceitar quase qualquer desafio que proponho. Também são muito honestas em suas opiniões e pensamentos, o que me ajuda a saber se elas estão gostando ou não do andamento das aulas. Os **adolescentes** são um grupo interessante de se dar aula. Por serem mais velhos e terem vivido mais do que as crianças, já possuem mais personalidade e tiveram acesso a uma gama maior de músicas e estilos musicais diferentes. Inclusive, é através deles que tenho acesso às músicas mais atuais. Diferente das crianças, os adolescentes possuem uma coordenação motora mais desenvolvida e por isso conseguem tocar um repertório mais complexo e difícil. Pela minha experiência, são muitos poucos adolescentes que fazem aula de forma obrigatória, então costumam ser mais motivados e sabem o que querem tocar, além de terem mais tempo livre para treinar em relação a um adulto. Um ponto que penso ser importante comentar é que, tanto crianças como adolescentes de hoje em dia, cresceram, em sua maioria, com acesso a celulares e tablets e muitos deles fazem uso contínuo e por muito tempo desses aparelhos. E o tipo de conteúdo a que eles têm acesso é um conteúdo recreativo e de curta duração, como os *reels* do instagram, *shorts* do youtube e os vídeos do *tiktok*. Isso faz com que eles fiquem acostumados e muitos até viciados em um entretenimento rápido. Digo isso pois o tema tem sido amplamente discutido em pesquisas nas áreas de cognição e psicologia (Giannetti, 2011) e é algo que consigo observar claramente no comportamento de diversas crianças que convivo na escola, sejam alunos meus ou não. Consigo perceber como essa situação afeta os alunos, gerando uma falta de comprometimento com projetos de longo prazo e uma falta de paciência para aprender músicas mais longas e que possuem uma dificuldade maior. Os **adultos** são um

grupo interessante de se trabalhar. Ao contrário das crianças, que muitas vezes não tem muita vontade de fazer aulas de música, nenhum adulto começa a fazer aula de música se realmente não quiser, então eles são um dos grupos mais motivados, porém são os que costumam ter menos tempo para treinar por causa do trabalho e/ou cuidado com a família. Os alunos que fizeram aula comigo por mais tempo são os adultos e, apesar do ritmo mais lento, são muito insistentes e focados. Os **idosos** são o grupo com quem tive menos contato, mas, mesmo assim, pude perceber algumas particularidades. Normalmente eles possuem mais tempo livre por estarem aposentados e são muito motivados, mas têm naturalmente um ritmo mais lento de aprendizagem por já não terem tanta velocidade e coordenação motora e muitas vezes demoram mais para internalizar as partes das músicas em relação aos outros grupos etários.

Falando sobre o modo como costumo ensinar, é possível dizer que gosto de pensar que trabalho com o melhor dos dois mundos (Karlsen, 2012). Explico: tradicionalmente, o professor é tido como o detentor do conhecimento a ser repassado para os alunos. O professor passou anos de sua vida se dedicando aos estudos, testando, analisando, treinando, construindo repertório e uma bagagem de conhecimento que foi passada à ele por um outro professor que passou por um processo igual ou muito semelhante. E o aluno está lá para receber e absorver esse conhecimento. O próprio termo que usamos para se referir ao estudante “aluno” vem do termo em latim *alumnus*, que, diferente do que as pessoas costumam dizer, não significa “aquele que não tem luz” o algo parecido, mas significa “criança de peito”, “lactente”, ou seja, alguém que precisa ser alimentado, receber o alimento, que é o conhecimento passado pelo professor. Já uma outra forma mais moderna de se ver esse relacionamento entre professor e aluno, como nos mostra a professora Lucy Green (2002), é o que ela chama de *Student Centered Learning*, que é quando o professor busca entender que o estudante é em si, um universo de conhecimentos, experiências, gostos pessoais, traumas, desejos etc. É preciso que levemos em conta todas ou pelo menos grande parte dessas coisas na hora de preparar e ministrar uma aula para esse aluno. A escola em que atuo como professor tem o foco em alunos iniciantes e uma das principais identidades dela é o ensino e aprendizado pela prática, de forma bem informal e personalizada. Esse é um dos motivos pelos quais não utilizamos um material fixo com todos os alunos nas aulas. Cada aluno tem uma história, gosto e objetivo quando procura aula de música. Uns querem aprender a tocar violão para tocar num churrasco de família, na igreja, com os amigos etc. Outros querem aprender a tocar piano pois adoram o repertório popularmente chamado clássico e querem ter um momento para relaxar. Outros procuram as aulas em dupla para poderem passar mais tempo com um membro da família ou amigo. Enfim, cada aluno que

chega lá é único e por isso, fazemos esse tratamento personalizado para cada um deles de modo leve e informal.

### 3 Preparação para os shows

Durante o começo do semestre até aproximadamente dois ou três meses antes da apresentação - que sempre acontecem em dois finais de semana, aos domingos, e normalmente são marcadas para final de junho e começo de dezembro - as aulas ocorrem normalmente. Escolhemos as músicas que vamos praticar, sejam elas de minha escolha, de escolha do aluno ou uma escolha em conjunto, trabalhamos percepção rítmica, harmônica e melódica usando as próprias músicas que estamos tocando ou algum outro material de minha escolha, fazemos leituras de partitura para os que se interessam etc. Sobre esse último ponto, acho importante acrescentar uma observação. Mesmo sabendo da importância de se aprender a ler música das mais diversas formas que existem para uma boa formação como musicista, eu entendi que, no meio em que atuo, que é uma escola focada em iniciantes e de viés totalmente informal, é raro encontrar um aluno que realmente queira aprender a ler partitura, principalmente se o instrumento não for piano ou teclado. Inclusive, uma das diretrizes que recebemos ao começar a lecionar na escola é que devemos dar prioridade à prática, a fazer o aluno tocar, que é o desejo da grande maioria das pessoas que se matriculam para fazer aula de música. Assuntos como teoria, harmonia e leitura são secundários. Não que haja alguma proibição ou desincentivo, mas não são a prioridade.

Algo que notei nos alunos é que muitas vezes eles não sabem como estudar em casa, então gosto de fazer uma simulação em sala de aula do que deve/pode ser o estudo de casa. Para isso, decidimos alguma música ou algum trecho mais difícil dela e então eu marco no cronômetro um tempo curto (3, 4 ou 5 minutos) e, durante esse tempo, o aluno deve focar inteiramente na execução da música ou daquele trecho. Percebi que muitos dos alunos, e principalmente as crianças, têm dificuldade de fazer uma mesma atividade por muito tempo. É normal que após duas ou três repetições eles já percam o foco e comecem a falar de algum outro assunto ou tocar alguma outra coisa, então acho que esse exercício ajuda a desenvolver a percepção de que é preciso ter paciência, insistência e até mesmo resistência para aprender e performar uma música de forma decente. E quando digo decente não é necessariamente rápido, mas respeitando a forma e ritmo.

Quando finalmente faltam aproximadamente dois ou três meses para a apresentação, começamos os preparativos. O primeiro passo é decidir o **repertório**. Para isso, gosto sempre de voltar às músicas que já estávamos tocando durante o semestre, afinal é importante que escolhamos uma música que o aluno tenha facilidade de executar, seja pelo nível de

dificuldade da peça em si ou pela facilidade de tocá-la levando em conta o tempo que já estamos praticando. Além disso, é preciso saber se essa música é adequada para uma apresentação. Algumas são ótimas para o treino de alguma técnica específica ou são um trecho ou *riff* de uma outra música, mas não servem para um show. Claro que existem exceções, como crianças mais novas e outras pessoas que estejam muito nervosas e sem confiança, pois só o fato de subir num palco e apresentar um trequinho de uma música que seja, já será considerado uma grande vitória, mas é preciso pensar em um repertório que fique agradável e divertido de se assistir, pois esse é um show que tem como objetivos o desafio de subir no palco e performar, o que por se tratar de uma escola para iniciantes será a primeira experiência de grande parte dos alunos, e divertir a todos os presentes e para que possam ter uma ótima e agradável experiência. Gosto sempre de ter essa margem de dois a três meses para poder fazer alguma mudança no planejamento e para organizar e ensaiar as bandas, caso seja necessário. Alguns alunos querem se apresentar sozinhos, outros preferem se apresentar com o professor e existem também aqueles que querem tocar em banda. Para essa última, é preciso convidar outros alunos e muitas vezes outros professores. Durante esse período é comum que além da apresentação dos meus próprios alunos, o foco em sala seja também a apresentação que eles vão participar como convidados.

Formadas as bandas, temos então que começar os ensaios, o que costuma ser um problema devido a dificuldade de casar os horários dos integrantes da banda e de conseguir reservar as salas onde serão realizados os ensaios. Na grande maioria das vezes acabamos usando o tempo de aula de algum integrante da banda para ensaiar, quando conseguimos juntar todos, é claro. Caso o aluno vá se apresentar sozinho e a música que escolhemos não tenha sido originalmente feita para se tocar em uma apresentação solo, temos que pensar no **arranjo** dela. Muitas vezes as músicas que tocamos em sala de aula são canções populares que envolvem todo um conjunto de instrumentos diferentes, como violão, piano, guitarra, e também as linhas vocais.

Ao preparar essa apresentação para um aluno tocar sozinho ou em dupla comigo, eu preciso pensar em um arranjo que fique interessante de se tocar e ouvir e, como nos mostra Don Sebesky no primeiro capítulo de seu livro *The Contemporary Arranger* (1975), existem alguns pilares essenciais para a construção de um bom arranjo. O primeiro deles é o **Equilíbrio**. Em seu livro, Sebesky fala sobre dois tipos de equilíbrio: o **tonal** e o **formal**. Por equilíbrio **tonal**, ele quer dizer a distribuição apropriada das tonalidades com o intuito de alcançar a melhor sonoridade possível. Como a maioria dos arranjos que eu faço são de músicas populares para piano instrumental e solo, vou usar esse caso para exemplificar. A

grande maioria dos alunos é iniciante e por isso eu preciso pensar numa forma de fazer um arranjo simples, agradável e que seja possível identificar a música que estamos tocando, então costumo transpor as músicas para as tonalidades de Dó maior ou Sol maior, que são tonalidades com poucos acidentes, e para Lá menor ou Mi menor, quando são músicas de tonalidade menor, pelo mesmo motivo. Considero que essa seja uma forma de equilíbrio tonal. Não necessariamente para obter uma melhor sonoridade entre os instrumentos e o cantor, quando for uma canção, até porque esses arranjos, como já disse anteriormente, são pensados para se tocar sozinho, mas sim para obtermos uma sonoridade agradável através da escolha de uma tonalidade na qual o aluno tenha mais facilidade de aprender e executar a música. O equilíbrio **formal** diz respeito a uma escolha bem coordenada do ritmo, melodia e harmonia. Esse é um ponto muito importante, principalmente quando se trata de um arranjo de uma canção, pois esses elementos devem ser reconhecíveis apesar das dificuldades de se tocar uma canção em um instrumento. Na maioria das vezes, os cantores cantam linhas com muitos detalhes, melismas, ornamentos e repetição de notas causada pelas sílabas das palavras na letra que está sendo cantada. O que costumo fazer é tentar simplificar a melodia colocando apenas seus elementos principais. Às vezes a repetição de alguma nota é importante para se reconhecer a música, mas tento evitar para que não fique maçante. Inclusive, esse último ponto é outro pilar que Sebesky (1975) nos mostra em seu livro, que é a **economia** e diz respeito a não incluir no arranjo nada que não seja absolutamente necessário.

Sobre a harmonia, costumo fazer arranjos para que meus alunos toquem sozinhos, então preciso pensar em alguma forma de incluí-la na música de forma simples, mas que fique bonito. Normalmente o que faço é colocar a tônica do acorde para ser tocada pela mão esquerda na região mais grave. Só isso já vai gerar a sensação de acorde na música e deixá-la muito mais bonita e interessante de se ouvir. Caso o aluno seja mais avançado, gosto de incluir no arranjo o acorde inteiro na mão esquerda e quando isso acontece, é muito comum termos que usar inversões para facilitar as trocas desses acordes, então já aproveito a deixa para explicar um pouco mais sobre o assunto.

Quanto ao ritmo, não há muito o que dizer. Tento sempre manter o ritmo melódico e harmônico igual a música original, salvo em casos de simplificação da melodia com o nos casos anteriormente mostrados. O máximo que costumo mudar é o andamento da música caso ela seja muito rápida. Os últimos pilares que Sebesky (1975) nos mostra são o **foco** e a **variedade**. O primeiro está muito relacionado à economia, pois consiste em saber ordenar e hierarquizar os elementos da música de modo que ela não fique confusa e cheia de detalhes que não são essenciais para a música e que dificultam a execução. Já a variedade, nos mostra



que também é preciso utilizar de elementos que deixem nosso arranjo interessante, por meio de algumas mudanças na música. Um exemplo que posso dar nos meus arranjos é quando peço para o aluno mudar a região em que ele está tocando a melodia. Na maioria das vezes essa mudança ocorre para a região mais aguda, gerando assim uma quebra da expectativa no ouvinte e dando mais ênfase nesse trecho. Em alguns casos, principalmente quando sinto que meu aluno ainda não está preparado para executar uma música sozinho, eu o acompanho na apresentação. Normalmente eu toco algum instrumento que vá preencher mais a música em relação à harmonia e/ou ritmo para que o aluno possa tocar a parte solo e ser a atração principal da apresentação.

Como já comentei previamente, não obrigo os alunos a aprenderem a ler partitura, mas sempre os estimulo a aprender, seja por exercícios de leitura rítmica ou usando alguns elementos da grafia tradicional nos arranjos que escrevo para eles. Normalmente, costumo começar a escrever o arranjo em sala de aula para que o aluno possa participar da criação. Pego uma folha em branco e começo escrevendo o nome da música e do artista. Depois pesquiso a música no Youtube ou Spotify para tirar a melodia de ouvido, seja ela instrumental ou vocal. Inclusive, gosto de aproveitar esse momento para começar a trabalhar a percepção melódica básica com os alunos, como saber se a melodia está caminhando para o agudo ou grave ou se é um salto grande ou curto, mas nada muito difícil. Só o fato da música ser da escolha dele já o motiva a querer aprender.

Começo então a escrever na folha em branco, depois de transpor a música caso seja necessário, os nomes das notas da melodia. Gosto de separar em pequenos trechos e frases para fixar melhor cada parte e o aluno poder ir aprendendo aos poucos. Depois de escrever a melodia, eu traço duas linhas entre a nota em que a harmonia muda e escrevo o nome da nota ou acorde que deverá ser tocado na mão esquerda embaixo da nota da melodia. Caso o acorde mude entre as notas da melodia eu traço as mesmas duas linhas entre as notas para mostrar que a mudança da mão esquerda não ocorreu ao mesmo tempo da nota da melodia. Uma forma que gosto de ensinar meus alunos a lerem cifra é usando as letras na linha da mão esquerda, diferenciando assim a grafia melódica da grafia harmônica. Um ponto negativo de aprender uma música dessa forma é que essa grafia não funciona muito para o ritmo. Diferente da partitura, ela não tem as figuras que mostram a duração das notas, então para que essa forma de grafia funcione, é preciso que o aluno já conheça a música e tenha uma noção mínima da melodia. Mesmo assim, é comum que, em algumas partes, haja alguma dúvida quanto ao ritmo. Para resolver essa questão, mesmo que de forma incompleta, às vezes eu escrevo debaixo daquelas notas uma palavra ou um símbolo para ajudar a lembrar da

velocidade ou ritmo. Por exemplo: quando a melodia vem em um ritmo constante, mas de repente aparecem duas notas mais curtas, eu ponho um traço em “V” ligando-as para que o aluno entenda que nesse trecho a velocidade vai mudar.

Figura 1 - Exemplo de escrita de arranjo para piano de uma música.

VIVA LA VIDA

Intro:

2 oitavas de distância Do Do Do Do RE RE RE RE

Do Do Do Do Do Do Do

Sol Sol Sol Sol Mi Mi Mi Mi

Si Si Si Si Si Si Si

Verso:

Si Si Si Si Do La RE La Sol La La Sol Si RE Mi Mi

Si Si Si Si Si Si Si Si Do La La Sol La La La Si Sol Fa# Mi

TACAO

Fonte: Foto tirada pelo autor do trabalho

Outro ponto que acho interessante comentar é o uso de ritornelo que costumo fazer, mesmo nessa grafia informal. Quando algum trecho da música vai se repetir, é muito comum eu usar essa marcação. Para facilitar e clarear o entendimento do aluno quanto a forma da música, também gosto de nomear suas partes, como “Início”, “Introdução”, “Parte 1”, “Parte 2”, “Refrão”, “Ponte”, “Fim” etc. Isso nos ajuda também na hora de praticar cada uma delas separadamente.

Figura 2 - Exemplo de escrita de arranjo para piano de uma música.

Super MARIO

Início

Mi Mi Mi Do Mi Sol Sol ||: Do Sol Mi La Si Si b La

Sol Mi Sol La Fa Sol Mi Do Re Si ||

Sol Fa# Fa# Re# Mi Sol# La Do La Do Re

Sol Fa# Fa# Re# Mi Do Do Do

Sol Fa# Fa# Re# Mi Sol La Do La Do Re Re# Re# Do :||

Do Do Do Do Re Mi Do La Sol Do Do Do Do Re Mi

Do Do Do Do Re Mi Do La Sol início do FIM

EMAZUL É MÃO DIREITA  
EM PRETO É MÃO ESQUERDA

Fonte: Foto tirada pelo autor do trabalho

Depois de todas essas etapas, chega então a hora de ensaiar para o tão esperado show dos alunos. O momento da apresentação é muito importante, pois é o fechamento de todo o trabalho que fizemos durante todo o semestre. É o momento em que os pais podem assistir o que talvez seja a primeira apresentação musical do/a seu/sua filho/a, e ver como valeu a pena todo o esforço e investimento, seja financeiro ou não, que eles e nós professores fizemos juntos. Esse é um momento de emoções à flor da pele, seja de orgulho nosso como professores e pais, ou seja, de nervosismo, coragem e superação dos próprios alunos. Para que ocorra tudo bem, o que não é algo que podemos controlar sempre, é preciso que os alunos estejam bem preparados tanto tecnicamente quanto emocionalmente. É claro que nós como músicos e professores sabemos que não existe como estar sempre 100% emocionalmente preparado para uma apresentação e que a calma e tranquilidade de tocar nos palcos vêm aos poucos, com muitas apresentações, erros e acertos. Existem, porém, algumas técnicas que podem facilitar e adiantar um pouco esse processo. Uma que costumo usar com meus alunos é realizar pequenas apresentações em sala de aula, durante o processo de ensaio, para pessoas que estejam na escola, seja a secretária, algum outro aluno que esteja em aula na sala ao lado ou mesmo outras pessoas que estejam esperando na recepção. O importante é que sejam pessoas desconhecidas para que o efeito de se apresentar para um público estranho aconteça e assim o aluno vai se acostumando, mesmo que aos poucos, com o medo e nervosismo.

## 4 O dia do show

Chega então o dia do Show dos Alunos. O dia para o qual ensaiamos durante o semestre. Escolhemos o repertório, escrevemos o arranjo, ensaiamos muito e fizemos apresentações prévias para trabalhar o nervosismo de palco. Mesmo assim, é difícil dizer que os alunos estão 100% preparados, principalmente quando se trata da primeira apresentação. Inclusive, tenho alguns alunos que já estavam acostumados a falar em público no trabalho, como uma aluna minha de piano que já havia ministrado aulas na faculdade e estava acostumada a fazer apresentações e dar palestras, mas quando foi tocar no show pela primeira vez, disse que parecia nunca ter se apresentado em público antes. O nervosismo foi tanto que ela errou coisas que não estava errando nos ensaios nem nas apresentações que fizemos durante as aulas.

Começamos o dia cedo. Os professores recebem um informativo com o horário das apresentações de seus respectivos alunos, o que é difícil de acontecer com exatidão, pois sempre acontecem imprevistos. O tempo estimado de cada apresentação é de 3 a 5 minutos. Alguns demoram menos, como as apresentações dos pequenos, que muitas vezes tocam músicas mais simples e curtas, e outras demoram mais pois a música é mais longa ou aquele aluno está matriculado em mais de um instrumento, então ele pode realizar uma apresentação em cada um. Normalmente as primeiras apresentações são dos alunos mais novos. O show começa por volta das 10h, então temos que chegar antes no local, que normalmente é uma lanchonete, hamburgueria ou restaurante, para podermos organizar o que for preciso: montar o palco, montar e afinar os instrumentos, testar a mesa de som e os amplificadores e passar o som para ver se tudo está corretamente ajustado. Importante destacar que essa parte mais técnica como montar e configurar a mesa de som é feita por outras pessoas que são contratadas exclusivamente para esse fim. Abrimos oficialmente o show com uma curta apresentação dos professores, o que é muito bom para animar o pessoal que já está lá desde cedo no domingo de manhã. Conforme os alunos vão chegando, os apresentadores ou como popularmente chamamos, os *hosts* do show, que normalmente são os donos da escola, vão chamando os nomes dos alunos para a nossa concentração, que fica ao lado do palco. É comum eles chegarem muito nervosos, então aproveitamos esse tempo que temos para tentar acalmá-los e estimulá-los a subir no palco sem grandes preocupações de acertar ou errar, afinal, treinamos durante muito tempo para aquele dia, e faço questão de dizer para os meus alunos que existe grande chance deles subirem no palco e a apresentação não sair da forma

que eles esperam, mas que isso é normal e o que mais vale é se divertir e a coragem e empenho que eles tiveram para chegar naquele momento e se apresentar em um show de verdade, com um apresentador, público, vários equipamentos de som e diversos outros músicos a sua volta. Para músicos profissionais isso é comum e muitas vezes até banal, só mais um show. Mas, para eles, é um grande momento. É muito comum ver os alunos chegarem nos professores antes da apresentação com muito receio, dizendo coisas como: “Professor, acho que não vou conseguir. Me apresento na próxima vez” ou “Professor, estou muito nervoso, não quero mais”. Já perdi a conta de quantas vezes escutei isso. Não só em relação aos meus alunos, mas aos de outros professores. Lembro de ter ficado muito decepcionado na primeira vez que ouvi isso de um aluno criança meu. Pensei comigo mesmo: “Poxa, percorremos todo esse caminho de muito trabalho e entrega até chegar aqui e agora fulano vai desistir? Será que eu fiz alguma coisa de errado?” Mas então lembrei das primeiras vezes que fui me apresentar. Lembrei do nervosismo que eu passei, das dúvidas e do receio de não estar preparado. Não queria subir no palco e passar vergonha na frente das pessoas. Pensando nisso, consegui entender melhor aquele momento do aluno. Acho que eu só queria ter escutado que, independente do resultado final, se eu acertei a música toda e se eu consegui ter uma boa presença de palco, o importante é se divertir e fazer. Só assim podemos superar esse medo. Eu imagino que ele nunca vai acabar por completo, até porque já vi diversos testemunhos de grandes artistas que disseram sentir aquele “frio na barriga” antes de um grande show. Não que eu esteja comparando um show meu ou dos meus alunos ao de um artista renomado, mas penso que a ideia é mais ou menos a mesma. Todos estamos sujeitos a isso.

Durante o show é comum a escola realizar sorteios de camisetas de banda, xícaras com estampas, equipamentos musicais como microfones, baquetas, palhetas etc. Sempre sorteamos aulas grátis para os participantes, sejam espectadores convidados como familiares e amigos ou os alunos que têm o número do sorteio rastreável pelo ingresso do show. Aliás, todos que vão ao show precisam ter um ingresso, menos, é claro, os professores e organizadores do evento.

Um dos momentos mais legais do semestre é, sem dúvida, assistir aos alunos subirem no palco para se apresentarem. Gosto muito de assistir às apresentações de todos os alunos. Sempre me surpreendo com um ou outro. No último show, que aconteceu no primeiro semestre deste ano, me surpreendi muito ao assistir à apresentação solo de um dos alunos de violino. O sujeito realmente tocava muito bem. Ritmo bem controlado, notas da melodia bem claras e com um timbre muito agradável. Não sou violinista, mas sei o quão difícil é tocar esse instrumento. Ao final de sua apresentação, depois de tirar as fotos com o professor e sua

família, fui perguntá-lo pessoalmente há quanto tempo ele fazia aula. Tinha certeza absoluta que ele já tocava há anos e foi para uma escola desenvolver mais suas habilidades, mas, para a minha surpresa, ele me disse que havia começado a fazer aula há quatro ou cinco meses, não me lembro ao certo. Fiquei muito espantado. Claramente um prodígio.

Acho curioso o quanto a confiança e leveza na atitude da pessoa influencia na hora de uma apresentação. Já vi diversos alunos que, tecnicamente falando, não eram afinados, nem tinham muita noção de ritmo, mas conseguiram divertir e entusiasmar muito o público com sua presença de palco. Danças, caretas, pulos e interações. Todas essas coisas ajudam muito para fazer uma boa apresentação. Já outros não possuem tais características, mas encantam com a leveza das mãos, técnica no instrumento ou uma voz bonita e afinada. Posso afirmar, com certeza, que esse show é uma caixinha de surpresas.

Como havia comentado nos capítulos anteriores, é muito comum e quase obrigatório, principalmente para os professores que possuem mais alunos e conseqüentemente passam mais tempo na escola, serem convidados a tocar em outras apresentações, principalmente quando a música vai ser tocada em banda. Um exemplo muito claro disso são os professores de bateria que, por serem poucos, passam muito tempo do show tocando para outros alunos. Eles realmente trabalham bastante nesse dia.

Como as apresentações estão organizadas pela idade dos alunos e não pela disposição das apresentações, é muito comum termos que correr para arrumar o palco entre uma apresentação e outra. Até pouco tempo atrás, o tamanho do palco era muito pequeno, então tínhamos que tirar e por vários instrumentos durante o show, mas hoje em dia conseguimos aumentar o tamanho dele, colocando pisos feitos de caixas de madeira que são bem fixos e seguros, então não temos mais esse problema e no fim de cada apresentação, os alunos, pais e outros familiares são chamados para tirar algumas fotos: uma sozinho, outra com o professor e uma com a família. É muito legal vermos depois do evento, quando chegam as fotos para nós, as feições dos pais de emoção e orgulho. Posso dizer, com certeza, que esse é um dos momentos que mais me satisfaz como professor: ver como os pais ficaram felizes e orgulhosos dos filhos e satisfeitos com o nosso trabalho.

Por fim, posso dizer o quão orgulhoso também fico dos meus alunos após as apresentações. Sei de todos os desafios que passamos juntos nessa jornada para o show. Dos medos, ansios, dificuldades, longas horas de estudos e repetições e posso dizer, com certeza, que tudo isso vale a pena só de olhar para eles quando acaba a apresentação. Vejo como isso, além de ser uma satisfação pessoal de cada um deles, ajuda muitos também a serem pessoas melhores. E digo isso sem exagero. Muitos alunos chegam para fazer aula sem paciência,

estressados, sem foco e disciplina e após todo o nosso trabalho, vejo, não somente com meus próprios olhos, mas também com o testemunho dos pais, como esses alunos melhoraram em outros aspectos da vida. Eu também sempre saio melhor desse processo, seja pela responsabilidade de organizar as apresentações e arranjos, seja pela convivência com pessoas diferentes que me ajudam a ser uma pessoa melhor ou seja pela satisfação de conseguir entregar um trabalho bem-feito e receber reconhecimento por isso.

## Referências

GIANNETTI, C. Operadores e Socialização Link: reflexões sobre sujeitos, telas, dispositivos e interfaces. *Ars*, v. 9, n.18, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ars/a/KfCvc8ZnmKGX9N9t9S3Rx3w/?lang=pt>. Acesso em: 30 out. 2024.

GREEN, Lucy. **How popular musicians learn: a way ahead for music education**. Aldershot: Ashgate, 2002.

KARLSEN, Sidsel; VÄKEVÄ, Lauri (Org.). **Future prospects for music education: corroborating informal learning pedagogy**. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2012.

SEBESKY, Don. **The Contemporary Arranger**. Los Angeles: Alfred Publishing, 1975.